

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

*A História da Escola de Enfermagem Carlos
Chagas*

IRMÃ EMÍLIA CLARÍZIA

Belo Horizonte

Minas Gerais

Traços Biográficos

IRMÃ EMÍLIA CLARÍZIA

Rosa Clarízia [irmã Emília] dirigiu a Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) de setembro de 1957 a novembro de 1965. Foi citada por todas as entrevistadas que a conheceram.

Nasceu em São Paulo e entrou para a congregação das irmãs vicentinas em 1944, e em 1946 pôde ingressar no curso de enfermagem pois antes, seu pai não permitiu.

Iniciou o curso na Escola Luiza de Marillac, no Rio de Janeiro, terminando-o nos Estados Unidos, onde fez pós graduação direcionada para atividade de organização e direção de escola de enfermagem.

Em 1955 foi organizar uma escola em Santa Maria da Boca do Monte, no Rio Grande do Sul. Em 1957, transferida pela congregação para Belo Horizonte, em substituição à irmã Catarina Fiúza que sofreu um acidente. Logo depois, com a expansão da clínica cirúrgica, dirigida pelo médico Luiz Andrés, o internato da escola, que funcionava no Hospital da Cruz Vermelha, foi transferido para uma casa alugada na Avenida Getúlio Vargas, 167. Nessa época, a escola estava anexada à faculdade de medicina, que detinha todo poder administrativo e financeiro, ficando com a diretora da escola a resolução de problemas internos e de menor relevância.

Data do período de sua gestão o início da construção da sede própria da EECC, bem como a transferência definitiva da escola para o prédio atual. Faz parte do seu período as lutas travadas, segundo ela, “verdadeira guerra com muito suor, lágrimas e sangue”, para se conseguir a autonomia da escola.

Para ela, as alunas eram muito imaturas e tinham muita dificuldades de aprendizagem. Credita à sua administração o aumento do número de alunas e melhor qualificação das mesmas devido ao modelo de seleção que instituiu.

É do seu período a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, que exige o segundo grau completo para o ingresso nos cursos de graduação em enfermagem.

No período que permaneceu em Belo Horizonte graduou-se em psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, área em que atua no momento, no hospital ligado à Escola de Enfermagem Luiza de Marillac, no Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

Sua entrada para o convento; os cursos de enfermagem na Escola Luíza de Marillac e nos Estados Unidos; de onde atuou na sua volta para o Brasil antes de vir para Belo Horizonte; faz um breve comentário de como encontrou a Escola Carlos Chagas e onde funcionava; das professoras que ingressaram e que saíram da Escola; o dia-a-dia do internato; os estágios; a construção do atual prédio da Escola; a falta de autonomia das diretoras; as dificuldades para a desanexação; de quem queria e quem não queria; seu relacionamento com as alunas; fatos desagradáveis ocorridos com as alunas; a imaturidade das alunas que chegavam na Escola, as dificuldades dessas alunas; a seleção que instituiu para ingressar na Escola; os resultados obtidos; a ajuda de enfermeiras de renomes nesse processo; o relacionamento com os professores; como deixou a Escola; o funcionamento do internato; as dificuldades para construir o prédio atual da Escola; os problemas com a aluna Delba Nepomuceno; a participação da Escola em festas religiosas; referência à Celina Viegas, Waleska Paixão e sua irmã; o envolvimento da Escola no movimento estudantil de 64; da sua exigência para cumprimento do regulamento da Escola; sua saída de Belo Horizonte; o curso de psicologia que fez; do seu trabalho atual; o acidente que teve e o atendimento.

LADO A

Irmã Clarízia: Estou cansa...

Valda: Como é que é o nome completo da senhora?

IC.: Rosa Clarízia.

V.: E o Emília?

IC.: Que Rosa é o meu nome de batismo, né. Quando a gente passou a ter o nome oficial... .voltou, Rosa... é.

V.: ...voltou a ser Rosa...que é nome de batismo, né? E Emília é o nome de... irmã.

IC.: ...irmã. Era. Porque agora não tem mais.

V.: Fala um pouco pra gente esse período que a senhora viveu antes de começar a, antes da senhora entrar pro convento? A senhora se lembra de algum fato importante? Da família da senhora?

IC.: Não, não nada de... coisa comum da vida. Não tem nada de importante, não.

V.: A senhora nasceu onde?

IC.: São Paulo.

V.: A senhora é de São Paulo?

IC.: Capital.

V.: Quando que a senhora entrou para o convento?

IC.: (...) [suspiro] Em quarenta e quatro.

V.: Em 1944. É, aí a senhora fez enfermagem?

IC.: Não. Fiz primeiro o noviciado, né. O postulado, noviciado em quarenta e cinco eu saí do seminário, noviciado e comecei a enfermagem em quarenta e seis. E em quarenta e sete eu fui para a América do Norte.

V.: A senhora começou a enfermagem na Luiza de Marillac.

IC.: Sim, senhora.

V.: E terminou nos Estados Unidos.

IC.: Depois eu fui pra lá fazer, terminar o curso e fazer especialização.

V.: Especialização em que área que a senhora fez?

IC.: Direção de escola de enfermagem.

V.: E voltando de lá qual foi a, pra onde que a senhora foi designada.

IC.: Eu fiquei uns tempos... no hospital do IAPETC né, aqui na Escola de Enfermagem

[Luiza de Marillac] mesmo. Depois fui para o Ceará e depois voltei.

V.: Ah, e, quando que a senhora foi para Belo Horizonte?

IC.: Em cinqüenta e cinco fui abrir uma escola de enfermagem para as religiosas, lá no Rio Grande do Sul, Santa Maria da Boca do Monte [riso]. É agora [gagueira] eucarístico aqui no Rio, né, e quando eu estava para for... a escola foi reconhecida, estava pra formar a primeira turma, dona Haidée Guanais Dourado, que foi uma das examinadoras da escola, né, pelo, pelo Ministério. E quando estava para formar a primeira turma a irmã que era diretora da Escola de Enfermagem Carlos Chagas sofreu um acidente e eu tive que substituí-la.

V.: Ah, a senhora foi pra Belo Horizonte em, substituir a irmã...

IC.: ...Fiúza[Catarina Fiúza].

V.: Fiúza. É... e como é que...

IC.: ...cinqüenta e sete.

V.: Em cinqüenta e sete.

IC.: É. dia de Santa Rosa de Lima, eu estava chegando lá, 30 de agosto.

V.: 30 de agosto?

IC.: É.

V.: Fez um ano ontem.

IC.: É. Mas muitos anos ontem, né. [riso]

V.: Alguns anos, né?

IC.: foi em cinqüenta e sete. Ano que vem faz quarenta, né. É, noventa e sete.

V.: Irmã a senhora quer falar um pouco pra gente como é que foi essa chegada em Belo Horizonte? Como que a senhora encontrou a escola?

IC.: Ah, eu não me lembro, mais de trinta anos, né. Eu lembro que foram meses e meses de chuva eu falei: "Meu Deus só chove nesta terra!" [riso] É... chovia, chovia, chovia, chovia o que Deus queria, né. Mas sem aquelas lutas todas porque não tinha escola ainda, não é? É... nós ficamos um tempo lá na, na Ezequiel... Ezequiel...

V.: ...Dias.

IC.: Dias, né, depois então alugou-se uma casa... lá pro lado da, como é que chama aquela rua? (...) Bem, bem longe de lá.

V.: Getúlio Vargas?

IC.: É, Getúlio Vargas exatamente.[n.º 167] É. Ficamos uns anos naquela casa, depois, porque o doutor Luiz Andrés precisava dos quartos ocupados pela escola na Ezequiel Dias para estender a cirurgia dele, né, então, alugou-se aquela casa lá, até que a gente começou a ter a possibilidade de, o prédio que hoje em dia é a escola, né.

V.: É... só voltando um pouquinho, na Ezequiel Dias era onde é atualmente a Cruz Vermelha. Todo andar era da então da escola?

IC.: Era uma parte do andar [voz no fundo]. Era outra parte.

V.: Ham, e aí o doutor... precisou da área. E quem foi que alugou a casa na Getúlio Vargas?

IC.: Naturalmente a faculdade de medicina.

V.: A faculdade de medicina.

IC.: É, porque a escola dependia da faculdade, né.

V.: Hum, hum. (...) É... fala um pouco pra gente como que era, como é que funcionava a escola neste período inicial?

IC.: A escola era no Hospital São Vicente. Ainda, ainda era o Hospital São Vicente, né. Então, funcionava lá, depois quando nós começamos a es... a casa grande mesmo, né, a escola grande, algumas aulas eram na escola, da faculdade de medicina, de microbiologia, essas materiais que dependiam de professores de lá. E outras aulas eram na escola mesmo, né. É uma coisa comum mesmo de aluna, né, vestibular, e receber, e preparar, e seguir na... eram muito poucas professoras acho que eram umas quatro só, né [riso].

V.: Quem que trabalhava na época, a senhora se lembra?

IC.: Não, lembro, dona Rosa, dona Dauria [Daura Pacheco Ribeiro], dona Carmem Mensantie Brandão, e não sei se dona Izaltina[Goulart de Azevedo] já estava? Acho que sim. E a Maria do Rosário [Barros], Maria do Rosário que depois faleceu. Eram só essas, depois quando eu saí deixei doze, quando eu saí fui pro Estados Unidos. Saí de lá-fui pro Estados Unidos com bolsa da CAPES[Coordenação de Aperfeiçoamento de Profissionais do Ensino Superior].

Geralda: Nesse período como que era o dia-a-dia do internato? Como que era o dia-a-dia das alunas no internato?

IC.: Normal, como qualquer internato, né. Levanta, toma café, vai pra escola, volta tem

as aulas, né, dividido assim. Estágio, algumas aulas dadas na escola, né. Aula de....
Principalmente pro primeiro ano, né, que, que tinha que preparar para depois fazer estágio, né. Nada de específico assim, de diferente de qualquer escola acho que do dia de hoje.

G.: Só pra gente entender em pouquinho melhor. A senhora disse que a escola funcionava no Hospital São Vicente, o estágio todinho era lá nesse período. As alunas tinham aula na Medicina, algumas aulas com os professores...

IC.: ...algumas aulas que eram próprias dos professores de lá, né, outras na escola.

G.: E as outras eram dadas tanto... na escola...

IC.: ...só na escola...

G.: ...e a prática todinha no São Vicente.

IC.: No hospital. Aí depois veio o Hospital de Clínicas, aí com isso ampliou, né. Tinha ambulatório, todos os estágios [gagueira] começamos a ter mais pessoas, Maria Vitória [da Silva], a Yole [Carvalho Mazzoni], a Aparecida [Ferreira Moura]. Aí começou os pós-graduados de obstetrícia, e a irmã Cecília [Behring] é que era encarregada, né, dessa formação.

G.: Irmã Rosa como que era a relação das alunas auxiliares de enfermagem e as alunas que faziam enfermagem?

IC.: Não peguei, não peguei auxiliar no meu tempo, não tinha auxiliar na escola.

G.: Porque uma, uma coisa que não é muito clara pra gente é porque, a questão da direção das escolas. Quem que dirigia a Escola de Auxiliar de Enfermagem Cruz Vermelha...

IC.: ...no meu tempo não havia. Não peguei Escola de Auxiliar da Cruz Vermelha.

G.: ...Só a Escola de Enfermagem Carlos Chagas?

IC.: É tem que ver quando é que começou lá, porque sessenta e cinco já não estava mais lá, né. Em cinqüenta e sete...

G.: ...a senhora ficou...a senhora ficou no período de cinqüenta e sete até quando?

IC.: Sessenta e cinco.

V.: A Sra. pegou então o Congresso Brasileiro de Enfermagem em Belo Horizonte?

IC.: Ah, não me lembro mais.

V.: Não?

IC.: Não, devo ter pego, né. Se foi nesse período eu estava lá [riso].

V.: É, irmã como é... nós temos um dado que a construção da escola começou, da escola sede atual, começou em cinqüenta e oito. A senhora se lembra da articulação feita pra construção dessa escola, já que até então o internato só funcionava em escolas, em casas pagas, alugadas?

IC.: Casas pagas, alugadas só enquanto nós cedemos o, o local para o doutor Luiz Andrés estender a clínica cirúrgica, né. Nunca funcionou em casas pagas/alugadas [riso], só nessa ocasião pra ceder a Cruz Vermelha pra ele. Porque sempre foi lá.

V.: Sei. No período todo da senhora o internato funcionava na Cruz Vermelha, só nessa casa da Cruz Vermelha?

IC.: Só, só, não conhecia outro lugar, não.

V.: Ah, sim!

IC.: Aí que a gente alugou a casa da Serra [bairro de Belo Horizonte], né.

G.: Certo.

IC.: E foi-se lá até que a gente pôde descer outra vez, a começar a funcionar lá no prédio [atual]

G.: Quem, que foi a pessoa responsável, as principais pessoas responsáveis pela construção da escola atual?

IC.: Em que sentido?

G.: Do prédio, o prédio.

IC.: Doutor Luiz, doutor Versiani [Oscar Versiani Caldeira] que era o diretor da faculdade, ele que punha os engenheiros, fazia os orçamentos, fazia coisas;] nós só] dizíamos, amém [riso], mais nada.

V.: A senhora enquanto diretora não tinha poder de decisão sobre...

IC.: ...nenhum, a faculdade que mandava. A gente dirigia internamente, as decisões internas, ne...

V.: ...mas a questão de...

IC.: ...funcionários, é... disposição de aula, estágio, mas de... poder mesmo decisório eu não tive nenhum.

V.: Nem com rela...

IC.: ...tivemos bastante sofrimento, eles diziam que havia a escola, e não queria, que

separasse e da faculdade medicina e a gente queria, né.

V.: Ah, sim! Vamos conversar então sobre essa história. Porque a escola foi anexada em cinqüenta.

IC.: Não sei. Cheguei em cinqüenta e sete...

V.: ...é 1950... .ela foi anexada a Faculdade de Medicina.

IC.: ...antes disso... Cinqüenta eu estava nos Estados Unidos estudando.

V.: Ham, ham. Como é que foi no período que a senhora esteve lá, esta luta pela desanexação?

IC.: Foi péssima, né. Porque do jeito que ele queria, naquele tempo tinha uma guerra, né, era suor, lágrima de sangue, entende? Quer dizer, que nós não separaríamos se não por suor, lágrima e sangue, talvez, o Versiani, né, que era o diretor. Doutor Lodi [Luís Adelmo Lodi] foi o primeiro, ele era muito amável, muito comunicativo, muito amigo das irmãs, Versiani também, mas o Lodi era mais expansivo, né, o Versiani já era um pouquinho mais carrancudo. Ele não queria que separasse, ele queria que a gente ficasse subjugada mesmo. Então foi uma luta muito grande, e muito sofrimento pra gente conseguir as coisas, porque ele queria prender a escola à faculdade.

V.: Por que?

IC.: [riso] Quem não quer ter uma escola de enfermagem? Ora, por quê? Porque é subserviente à faculdade.

V.: Nesse período,... como é que a senhora via a enfermagem, como que a senhora viu a enfermagem em Belo Horizonte?

IC.: Bom! Eu vinha dos Estados Unidos e vi lá muita coisa boa, né.

V.: sim.

IC.: Então, eu queria pôr na escola, e tive [gagueira] muito severo, muito brava, muito exigente, de uniforme, de toca, de sapato, de meia, então, era terrível sa... me acham brava, essas coisas.

V.: A senhora?

IC.: É.

V.: É? As alunas achavam que a senhora...

IC.: ...muito brava. Porque exigia.

V.: Hum.

IC.: Né. Principalmente quando havia coisas desagradáveis, e que aconteceu no hospital, menina penteando cabelo de, de médico. Não dava, né.

V.: A senhora viu essas coisas no período...

IC.: ...eu não vi. Aconteceram,. Eu na escola não via nada de óculos no hospital, não é? [riso] Era uma parte que sa...

V.: A senhora ficava na escola, né?

IC.: Ficava na escola, é claro.

V.: [gagueira] como é, eram, como eram essas, como que aconteciam essa coisas que a senhora colocou de...

IC.: ...porque eram meninas muito imaturas naquele tempo a gente pegava meninas que mal tinham o 1º grau, não é? Não era 1º grau naquele tempo. Ainda era antes, só em quarenta e nove que passou a exigir ginásio, né, lembra?

V.: Certo.

IC.: Eu não lembro mais das leis, porque eu tenho, na minha cabeça não tem mais nada de enfermagem [riso], né. Então elas vinham muito imaturas. Me lembro, de uma que escrevia, pedia informação e que eu mandasse a relação do enxovalho, enxoval era o enxovalho [riso]. Então, eram meninas muito rudes, né, lá do interior de Minas, não desfazendo de Minas, mas eram meninas sem nenhum preparo. E queriam vir para enfermagem, né. Então, foi uma luta muito grande, até a gente poder ter gente com um pouquinho mais de competência, né, pra fazer enfermagem.

V.: Que outras dificuldades assim, a senhora passou com as alunas por causa dessa origem?

IC.: Bom, pra seleção nós tínhamos o, os SOSP [Serviço de Orientação e Seleção Profissional] que ficava na esquina não sei se ainda existe? Perto da, perto da escola normal, escola de, como é que chama aquilo?

V.: Instituto de Educação.

IC.: Instituto de Educação. É. Então, nós começamos, eu fui lá e fui falar com o diretor pra pedir uma seleção, fazer teste pra selecionar o pessoal pra entrar na escola [batendo as mãos]. Aí começou a melhorar, porque a gente antecipadamente conhecia a personalidade, a inteligência, o, o quanto o, podia o teste de ma... manifestar isso, né. Aí foi começando a melhorar, porque aí nós tínhamos uma noção de quem receber, de

quem não receber, de quem receber com restrição, pra ver se depois desin... deslanchava, e aí foi melhorando, porque aí começou a selecionar [riso] um pouco mais o ambiente, né. E começaram vir mais pessoas, né. A dona Marina Rezende, né, que foi presidente muito tempo da ABEn[Associação Brasileira de Enfermagem], era amicíssima das irmãs, amiga da escola, né. Então, ela dava muito apoio, quando vinha a Belo Horizonte sempre passava na escola. dona Haidée[Guanais Dourado] que me conhecia lá do Rio Grande do Sul, né, da escola que a gente tinha aberto pras freiras. A gente começou então a melhorar um pouco a situação, começou a vir mais alunas, alunas mais qualificadas, não é? E foi melhorando, começamos a ter mais professoras, essa turma das três, que vieram da pós-graduação, não é? A Yole, Vitória e Aparecida, né, elas vieram, é, supervisoras no pós-graduação e eram professoras da escola, né. Então, com isso foi ampliando, né. Depois veio aí a Alaíde [Esteves Lima] que também foi nossa aluna e já ficou como professora. E outras pessoas, né, que foram vindo e a gente aumentou mais o corpo docente. Quando eu saí acho que tinha umas doze. Deixei qua... encontrei quatro, multipliquei por três [riso].

V.: Hum, hum! Quando a senhora chegou, é, eram só essas três professoras, né? Como é que...

IC.: ...quatro.

V.: Quatro professoras, né? E elas participavam da parte teórica, ...da teoria e da prática?

IC.: É, só se fosse na enfermagem, né?

V.: A senhora se lembra como que era a relação da senhora com elas?

IC.: Elas participavam na enfermagem.

V.: Sim, na enfermagem. É. A senhora se lembra de como é que era a vida, vi... vida do dia-a-dia com essas professoras, o relacionamento das freiras com as professoras?

IC.: Não tinha freiras [riso] as freiras ficavam no São Vicente e eu ficava na escola pertencendo ao São Vicente, né. Eu ia e voltava.

V.: Sim, da senhora, mas... a senhora com as, com as...

IC.: ... só ... eu só na escola...

V.: ...com essas...

IC.: ...porque a única freira da escola era eu.

V.: Sim.

IC.: Porque eu pertencia a Congregação do hospital, embora estivesse à disposição da escola.

V.: Hum, hum. E como que era então, assim, o relacionamento da, da senhora com elas, e delas com a senhora, com as professoras?

IC.: Bom, era um relacionamento humano comum, né, de empatia, de simpatia ou de antipatia, o que acontece em qualquer lugar, né.

V.: É, porque geralmente quando a gente está num cargo de direção a gente tem algumas dificuldades com a, com os subalternos, né?

IC.: Bom, nós estávamos lá pra abrir uma escola e fazer a escola funcionar [riso]. E a gente queria que todo mundo colaborasse com maior ou com menor disponibilidade. E tanto que colaboravam que sai... a escola conseguiu sair dos pés da faculdade e ficar sozinha, né, ficar autônoma.

V.: Autônoma, hum, hum. Nesse período alguma coisa em especial do relacionamento com alguma professora?

IC.: Não, que me lembre não.

V.: De positivo...

IC.: ...Ah, mais de trinta anos [riso] pra me lembrar disso. Não lembro mesmo.

G.: A Sra. falou que aumentou o número de alunas... com esse processo de seleção...

IC.: ...foi, foi melhorando...

G.: ...houve uma melhora. E, as alunas, havia desistência das alunas do curso?

IC.: Muito pouco, que eu me lembro.

G.: Quando elas desistiam a senhora lembra assim, as razões que faziam... alunas desistirem?

IC.: Acho que poucas desistiram, eu não recorro nem de um caso assim, que saísse, fulano desistiu. Não me lembro, não. Elas vinham com muita vontade de fazer, né, de, era uma profissão que estava abrindo, né, muito, campo grande, né, muita procura.

G.: Porque, às vezes, nós vimos que a entrada, é, entrava tantas alunas e na verdade formava muito poucas.

IC.: Que ano?

G.: Por isso que a gente...

IC.: ...que ano? Porque a última turma que eu recebi eram vinte e sete.

V.: E formavam todas?

IC.: Formaram todas, formaram [gagueira]. Nunca me lembro que alguém desistisse ou fosse embora e não formasse.

G.: Nessa década de cinqüenta...

IC.: ...não... os anos que estive por lá...

G.: ...sessenta...não? A escola prestava algum serviço pra comunidade?

IC.: Pro hospital!

G.: Só o hospital, outros... serviços particulares...

IC.: ...não...

G.: ...nesse período que a senhora trabalhou?

IC.: Não, não senhora.

G.: Através de alguma farmácia.

IC.: Nada, nada, nada.

G.: Alguma, plantões?

IC.: Nada, nada, nada. Era só hospital.

V.: Já não tinha mais plantões particulares então nessa época?

IC.: No meu tempo nunca houve. Não sei se houve no tempo dela [referindo-se à irmã Fiúza, presente no local] [riso], no meu tempo, não. Plantão particular, nunca houve.

G.: Só no hospital, então?

IC.: Só estágio de alunas. Eram simplesmente alunas, não é. E tudo re... revertia em benefício delas. Elas não pagavam coisíssima nenhuma, porque a escola era do, da faculdade, né. Então, tudo feito em função delas.

V.: A senhora morava no mesmo prédio que as alunas?

IC.: Eu morava, primeiro eu fiquei no São Vicente, né?

V.: Sim.

IC.: Que era o prédio das irmãs.

V.: Isso.

IC.: Assim que começou a ter a escola, fiquei um tempo na Cruz Vermelha também com elas, depois na escola... lá embaixo, né, naquela, Ezequiel, como é que chama rua? Não me lembro mais.

V.: Alfredo Balena.

IC.: Alfredo Balena. (...)

V.: Nesse período da Cruz Vermelha, a senhora morava no internato tam... mesmo, não?

IC.: É, é. No internato mesmo.

V.: Como que era o regime do internato, o horário de che... de saída, de chegada, é, normas de funcionamento? A senhora falou que a senhora era muito... rigorosa, né?

IC.: ...normal, né... Mas, muito mais no outro. Porque o outro era um prédio grande que ficava por nossa conta, né. E a Cruz Vermelha existiam outras coisas funcionavam lá, né?

V.: Sim.

IC.: Então, tinha uma estrutura, uma infra-estrutura muito maior de existência, não é?

V.: Quan...

IC.: ...a portaria, gente na portaria, gente que atendia, que tinha isso, tinha aquilo, enfermeiras. Escola não, escola era só pra escola, era só as alunas, né.

V.: A senhora fala quando era lá na Getúlio Vargas?

IC.: Não. Eu falo quando era lá na Balena. Começou a funcionar lá.

V.: Ah, no Alfredo Balena também. A senhora acompanhou a construção da escola?

IC.: É claro que acompanhei, totalmente.

V.: Toda difícil...

IC.: ...todinha.

V.: Como é que era, assim, a, a transação com a Faculdade de Medicina pra poder...construir?

IC.: ...isso dependia de tudo...

IC.: Dependia de tudo e por tudo, né. Tinha que se pedir tudo. Então era aquela luta de ter as coisas que eram necessárias, né, doutor Versiani dava, mas a gente tinha que exigir assim, ficar em cima, né, pedindo.

V.: Irmã, nós temos um registro aqui que em 1960, 61 por aí, parece que teve alguma dificuldade, é, da administração com algumas alunas, Maria da Purificação [Guimarães] e Maria das Dores [Guimarães], que eram do internato e depois que tiveram que sair do internato. A senhora se lembra deste episódio?

IC.: Não. Não, não lembro, não. Só lembro da Delba, que penteava o cabelo [riso] do médico na sala de operação, essa me... Delba Nepomuceno, né. Que deu um enguiço grande, que precisou da gente lidar com a situação toda e o direto... o, tinha um professor da escola que era doutor, que era advogado. Como ele chamava? Antônio... agora, não sei de que, enfim. E ele então tomou o caso e resolveu, né, porque ele era advogado também e pôs as coisas no eixo. Não me lembro de Purificação, não; o nome não é estranho, mas não me lembro nada que acontecesse com elas, que elas saíssem da escola, fossem mandadas.

V.: Só que [gagueira] é a, essa, essa aluna Delba, ela chegou a sair do, do hos... da, da escola ou só do internato...

IC.: ... não, não, não. Ela ficou, ficou...

V.: Ela terminou o curso?

IC.: Deve ter terminado, né. Não sei...

V.: ... a senhora saiu antes.

IC.: Essa aí terminou depois que eu saí, né. Que eu me lembro.

V.: Ham, ham. E foi só essa dificuldade que tinha com ela... de um relacionamento mais íntimo com os médicos, a senhora diria isso.

IC.: É. Foi me dito que ela estava penteando, foi vista penteando o cabelo do médico, na sala [gagueira] na sala de operação, dentro não [riso] , mas, imediações, né, das... onde ela funcionavam.

V.: E aí, qual foi a providência que a senhora tomou?

IC.: Não me lembro [riso] .

V.: Ah, certo.

IC.: Aquela que de imediato devia ser tomado, né, senhora?

V.: Ah, sim, sim! A senhora ...

IC.: Não lembro, há 30 anos... depois.

V.: ...não se lembra especificamente... né?

IC.: É, não lembro não.

V.: E ela se justificou, ou a senhora...

IC.: ... não me lembro também.

V.: Não se lembra?

IC.: Não.

V.: A reação das outras alunas quando ela recebeu a punição?

IC.: Também não me lembro.

V.: De docentes?

IC.: Também não me lembro.

V.: Nenhum?

G.: A senhora não se lembra, então, se ela terminou o curso, essa aluna?

IC.: Não, lembro. Eu saí em 65 e não me lembro que ano isso aconteceu, nem quantos anos depois ela ficou.

V.: Tá. Em 62 então, a escola mudou pro prédio que estava inacabado, né? Na Alfredo Balena. Como que estava a estrutura da escola quando vocês entraram lá? Por que foram antes de terminar o prédio?

IC.: Não me lembro.

V.: A senhora se lembra?

IC.: Não. Naturalmente se já era possível morar, do que aqui ficar pagando aluguel.

V.: Hum, hum. De problema mais sério com aluna é só essa da Delba que a senhora se lembra, não é mesmo?

IC.: É, que eu me lembro, só.

V.: As outras não tinha...

IC.: ... não me recordo nada de especial. Ela um dia sumiu da escola, eu fui procurá-la e a encontrei em uma rua perto da, da, Pronto Socorro, não tem um Hospital de Pronto Socorro na, numa esquina.

V.: Rua dos Otoni?

IC.: É, não sei, é bem depois da Alfredo Balena, à direita quem vira uma rua por lá. Então ela estava no alpendre da casa de, conversando com um rapaz. De uma casa que não era escola, nem... no momento ela devia estar na escola, né?

V.: Sim.

IC.: Só me lembro desse caso da Delba.

G.: Como que era a relação da Escola de Enfermagem Carlos Chagas com a Escola de Enfermagem da Santa Casa?

IC.: No meu tempo não havia nenhuma...

G.: ... Hugo Werneck?

IC.: Não.

G.: A senhora se lembra algum relacionamento?

IC.: Não, eu não tive nenhum contato com elas, não.

V.: E com as,... tinha, tinha freiras, da, é, as irmãs que eram dos Hospital das Clínicas, do Hospital São Vicente na época e também dava alguma aula lá na Santa Casa e na Escola de Enfermagem de lá?

IC.: Que eu saiba, não.

V.: Eram duas escolas separadas?

IC.: Totalmente separadas. Totalmente autônomas [buzina].

V.: Como é que a senhora vi... por que a senhora escolheu enfermagem, irmã. Esqueci de perguntar no início.

IC.: Por que você escolheu enfermagem?

V.: A senhora?

IC.: Você!

V.: Ah! [riso]

IC.: Deve ser pela mesma razão, né [riso] .

V.: Sim [riso]. É porque, às vezes, na congregação era a congregação escolhe, às vezes, para onde vai...

IC.: ... não, eu optei por enfermagem...

V.: ... ou porque a pessoa escolhia.

IC.: Meu pai não me deixou porque ele achava que enfermagem não era pra gente séria [riso]. Só depois que eu fui irmã, né, passei e pude fazer.

V.: E aí ele não pôde mais brigar com a senhora?

IC.: Não. Não tinha nem razão, não estava mais na comunidade, ele né, está na casa dele.

G.: Irmã... Rosa, a senhora se lembra da enfermeira Celina Viegas?

IC.: Ela era de Juiz de Fora. Muito estava em congressos, muito inteligente, muito capaz, muito comunicativa, muito preparada, mas não tive nenhum contato com ela na escola, não.

G.: A gente tem, é, documentado que ela fez também um estágio no Estados Unidos...

IC.: ... em quando? Quando?

G.: Não sei se foi esse mesmo estágio que a senhora fez...

IC.: ... não, não, não, eu fiz curso...

G.: ... para direção de escola.

IC.: Eu fiz curso nesse, terminei a enfermagem né, foi em quarenta e sete e voltei em ... em cinquenta e um, né, voltei bacharel de enfermagem, né, lá é uma coisa a... muita além, era universidade, né, depois da escola, depois da formação. E ainda fiz o exame de Estado lá. Lá quando a enfermeira formava, não era escola que dava diploma, não. Tinha que fazer exame de Estado. Este agora que vai passar a ter nas universidades aqui no Brasil. Então, esse que, eu não ia nem trabalhar lá, porque ia voltar, mas tiveram que me submeter, porque a diretora queria e fomos aprovados, né. Fomos duas. Era State Board, quer dizer, Estado, exame do Estado.

G.: É, Waleska Paixão, também nessa épo... a senhora lembra?

IC.: Parece que me lembro aqui na Escola Ana Neri e [gagueira] nos congressos, não é. Parece que ela tinha uma irmã que trabalhava na escola, não é? Professora de música.

G.: Walda.

IC.: Walda Paixão.

V.: A senhora teve uma irmã que, que trabalhou na escola também, não tem?

IC.: Ela já faleceu.

V.: Já faleceu?

IC.: Faleceu, é. Ela foi pra lá quando a minha fami... quando os meus pais morreram, e trabalhou na escola, depois quando eu saí ela ficou na... biblioteca.

G.: A Itália Clarízia.

IC.: A Itália.

V.: É a Itália. Na, no tempo da senhora ainda existia a solenidade de imposição da insígnias?

IC.: Não me lembro. Acho que não [riso].

V.: Não mais, né?

IC.: Não me lembro nada de imposição, não.

V.: Como que a escola participava das, das atividades da cidade tipo, Semana Brasileira de Enfermagem, as festas religiosas, 7 de setembro? Havia participação da

escola?

IC.: Alguma. Alguma participação.

V.: A senhora se lembra de, por exemplo, 7 de setembro...

IC.: ...não, sim...

V.: ...desfile se participava. E a festa de Corpus Christi?

IC.: Nem me lembro se tinha participação de 7 de setembro [riso].

V.: É. Na época... é, a festa religiosa Corpus Christi, a escola desfilava, as alunas desfilavam?

IC.: É, tinha, às vezes, elas iam à procissão, né, procissão.

V.: Era por é, em [gagueira] era a escola que escolhia, que mandava, ou elas, ou era voluntário?

IC.: Eu não me lembro mais.

V.: Não se lembra? Dessas... festas religiosas algum fato específico?

IC.: Não, que eu me lembre não.

V.: Nenhuma coisa especial? E diretório acadêmico já existia? Organizado na época?

IC.: Não lembro, não.

V.: Não, né?

IC.: Trinta anos depois [riso].

V.: É [riso] muito tempo. Irmã a senhora estava na escola no período da revolução de sessenta e quatro.

IC.: Sessenta e quatro ainda estava, saí em sessenta e cinco, né.

V.: Exato. A senhora se lembra como é que foi essa... esse momento político tão importante pra nós hoje, pra história. Alguma coisa específica, com é que a escola participou, se teve algum reflexo?

IC.: Não, não, não. Infelizmente não lembro mais não.

V.: Nada de...

IC.: ...muitos anos depois, né?

V.: Nada assim, de repressão na escola, diretoras?

IC.: Que eu me recordasse não.

V.: Com as alunas, nada es...

IC.: ...por que haveria uma repressão? Por que...

V.: ...porque existia o movimento estudantil na época e revolução militar.

IC.: Mas a escola nunca foi assim, tão manifestada nesse sentido, né, de... movimento, de greves...

V.: ...as alunas não... participavam?

IC.: Acho que não.

V.: No período da senhora não?

IC.: Que eu me lembre não. Só se foi depois, né?

V.: É. A senhora falou um pouquinho no início sobre o uniforme. Houve mudança de, de uniforme quando a senhora entrou lá, que a senhora...

IC.: ...não me lembro.

V.: Porque a senhora falou assim, que a senhora era muito rigorosa.

IC.: Claro, que andassem, que era exigente, como é exigido que uma aluna ande no hospital, não é? Arrumada...

V.: ...e havia muita transgressão das alunas em relação ao uniforme?

IC.: Eu não me lembro mais [suspiro] [riso]. Tantos anos, né?

V.: É.

IC.: Não vou lembrar, não.

V.: Porque a senhora falou assim, so... eu era muito rigorosa.

IC.: É claro, rigorosa pra que andasse de acordo com aquilo que era preciso e que elas andassem, não é?

V.: Hum, hum.

IC.: Simplesmente. Não era exigência de querer isto ou aquilo, que fosse aquilo que era designado pela escola como uniforme.

V.: E elas não achavam ruim, não brigavam com a senhora, não?

IC.: Não, graças a Deus, não.

V.: Não, né? [riso] A senhora tinha boa... bom relacionamento com as alunas de modo geral?

IC.: Pelo ou menos briga, ninguém brigou comigo, nunca.

V.: Nunca?

IC.: Não que me lembre, não.

V.: E a senhora com elas?

IC.: Também não.

V.: Não? [riso]

IC.: Não. Era brava mas fazia tudo pra o benefício delas, né?

V.: Hum, hum!

IC.: Do que era necessário, não faltava nada, tinha-se tudo, né, mas, mas exi... exigindo mesmo que a coisa funcionasse como uma escola devia funcionar. Pois se a gente queria que ela fosse autônoma, ia ficar como, né. Tinha que ter um grau que fizesse juz, né, a... independente do, do hospital.

V.: A senhora falou de novo em escola autônoma, como é que foi, como... vocês conseguiram, é... liberar a escola, né, torná-la independente?

IC.: Eu não deixei totalmente liberada, eu saí antes disso, né.

V.: E o quê a senhora fez para conseguir a...

IC.: ...porque tinha aquela ocasião de você não tinha pra ser feito, não me recordo dessa parte, não.

V.: Não se lembra de...

IC.: ...vai ter muita coisa ainda? Estou ficando cansada.

V.: ...de... Heim?

IC.: Eu já estou ficando cansada.

V.: Ah, sim!

IC.: Tem muita coisa ainda?

V.: Não, nós já estamos quase terminando. É... depois que a senhora saiu, saiu da escola pra, porque que a senhora saiu...

IC.: ...eu arranjei uma bolsa de estudo, fui pra França.

V.: E quem ficou no lugar na senhora foi... a senhora se lembra?

IC.: Acho que foi uma... Maria Carmem.

V.: Ir. Maria Carmem.

IC.: Já morreu. É.

V.: Hum, hum. Depois...

IC.: Que foi nossa colega aqui na Luiza de Marillac.

G.: A senhora quer falar alguma coisa assim, que a senhora acha que foi muito importante, muito marcante pra senhora nessa época que a senhora viveu lá na Escola

Carlos Chagas?

IC.: Não. Marcante foi a gente lutar muito pra ser o que a escola chegou a ser. Só isso.

V.: E depois, a senhora atualmente não é enfermeira?

IC.: Não, pois eu fiz psicologia, né? Fo...

V.: ...foi lá ainda?

IC.: Lá, foi lá na [Pontifícia Universidade] Católica [Minas Gerais]. Dirigindo a escola e fiz... psicologia à noite.

V.: A senhora encontrou com alguma pessoa... alguma aluna... alguma, alguma outra enfermeira que na época estava fazendo também psicologia?

IC.: Não. O irmão da Yole trabalhava no hospital e fez psicologia comigo na mesma sala.

V.: Mas não era enfermeiro? De enfermeira?

IC.: Não, não, não, enfermeiro não.

V.: A senhora não se lembra, né? E como que, que outra atividade que a senhora devolve hoje?

IC.: Psicologia clínica.

V.: Está bem, está continua...

IC.: ...está, tudo bem, graças a Deus.

V.: Trabalha o dia inteiro, custei pra conseguir... falar com a senhora.

IC.: ... manhã toda...até seis e meia da tarde, não é? Tem muita gente pra atender. Atendo no hospital também, que os médicos pedem, né, pessoas operadas que precisam, entram em depressão. Então manda chamar. A última vez foi um rapaz de dezessete anos que tomou um vidro de remédio, quis se suicidar. Já estava pronta pra sair pro trabalho às duas e meia, me chamam no hospital, ainda vou lá atender o rapazinho. Então é assim, muito próximo do hospital, então constantemente...

V.: ...a senhora é chamada?

IC.: Constantemente. É.

V.: A senhora dirigiu outra escola depois da Carlos Chagas?

IC.: Antes. Foi a que eu fui fundar lá no Rio Grande do Sul.

V.: Ah, a senhora fundou a escola lá?

IC.: Santa Maria da Boca do Monte. Aí Nossa Senhora das medianeiras. Que agora é,

era da Faculdade de Medicina, acho, não sei se já, como fez, quando fez vinte e cinco anos elas me obrigaram a ir lá pra festa, né [risos].

V.: Foi convidada?

IC.: Foi, foi obrigada, convidada só não, obrigada. Antes disso eu tinha quebrado o braço lá em Belo Horizonte e eu não fui, era uma outra festa qualquer, e eu aleguei que esta... realmente tinha quebrado o braço, não fui. Mas [inaudível]...

V.: ...foi acidente, essa quebra de braço?

IC.: Foi. No Hospital São Vicente em cima, perto da capela, estava encerando, né, eu cheguei, escorreguei [gagueira] não tinha médico nenhum porque era sábado, então fui para o Pronto Socorro e em pé mesmo eles fizeram, puseram o gesso em pé, né, nem pra sentar.

V.: Melhor que a irmã Teresa, né, que quase morreu, né?

IC.: Eu estava lá e esta... na sala e quando o... eu fui com ela no Pronto Socorro. Estava presente no acidente dela.

V.: Hum, hum. A senhora falou um pouco antes, se não tiver cansada, se a senhora não quiser falar...

IC.: Estou cansada sim.

V.: ...da, do curso de especialização que a irmã Cecília...

IC.: ...bom, acho que ela é pode dizer mais, porque ela que dirigiu o curso.

V.: A gente conversou com ela.

IC.: É. Vocês já estiveram com ela?

V.: Sim, ela falou.

IC.: Falou? É.

V.: É. Bom, então a gente agradece. Mais alguma coisa Geralda?

G.: Só um detalhe. A senhora não trabalha mais como enfermeira, está trabalhando como psicóloga, como, mais...

IC.: ...psicóloga e psicanalista.

G.: Psicóloga e psicanalista. Como que a senhora vê enfermagem hoje?

IC.: Estou fora. Totalmente fora.

G.: Não tem... não tem uma impressão...nem nada.

IC.: ...não tenho nenhum...contato... Aqui do hospital é muito boa, muito bem

organizada, eu so... a vejo aqui a do hospital, não deixa a desejar em nada.

V.: Por que que a senhora mudou de profissão?

IC.: Porque eu gosto muito de saúde, então saí da física pra ir pra mental.

**[FINAL DA ENTREVISTA]
[O LADO B NÃO FOI GRAVADO]**

Ficha Técnica

Data da Entrevista: 31/08/96

Local : Residência da entrevistada, Rio de Janeiro

Número de fita: 01

Duração : 30 minutos

Entrevistadoras: Geralda Fortina dos Santos

Valda da Penha Caldeira

Conferência de Fidelidade: Valda da Penha Caldeira

Traços biográficos e sumário: Valda da Penha Caldeira